

Desafios na trajetória escolar de jovens e adultos autistas do ensino superior

Giovanna Santos da Silva

Erica Daiane Ferreira Camargo

Rosana Carla do Nascimento Givigi

Desafios na trajetória escolar de jovens e adultos autistas do ensino superior

Resumo: No contexto da educação inclusiva, é comum observar um crescimento significativo na produção de estudos em relação ao autismo. Além da educação básica, diversos jovens e adultos autistas chegam ao ensino superior. Logo, o objetivo desta pesquisa foi analisar a trajetória escolar de jovens e adultos autistas matriculados em uma instituição de ensino superior. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva, em que foi aplicado um Questionário de Trajetória Escolar com 9 (nove) participantes, alunos e alunas autistas da graduação e pós-graduação da Universidade Federal de Sergipe. A partir de uma análise qualitativa e quantitativa dos dados, observou-se que os participantes enfrentaram diversas dificuldades sociocomunicativas e de aprendizagem durante a sua trajetória escolar. Pessoas que tiveram seu diagnóstico durante a infância receberam um maior suporte especializado da escola. Entretanto, a rede de apoio se configurou como um meio fundamental de suporte durante a trajetória escolar de todos os participantes. Foi possível concluir que se faz importante debater sobre a responsabilidade de todos em prol da educação inclusiva, tendo em vista que o diagnóstico tardio de jovens e adultos autistas tem um impacto significativo no suporte fornecido durante a trajetória escolar.

Palavras-chave: Autismo. Dificuldades sociocomunicativas. Dificuldades de aprendizagem. Educação inclusiva. Trajetória escolar.

Challenges in the school trajectory of autistic young people and adults in university education

1

Abstract: In the context of inclusive education, it is common to observe a significant growth in the production of studies about autism. In addition to basic education, many autistic young people and adults reach university education. Therefore, the goal of this research was to analyze the school trajectory of autistic young people and adults enrolled in a university education institution. This is a qualitative, descriptive research, in which a School Trajectory Questionnaire was applied to 9 (nine) participants, autistic undergraduate and postgraduate students at the Federal University of Sergipe. From a qualitative and quantitative analysis of the data, it was observed that the participants faced several socio-communicative and learning difficulties during their school trajectory. People who were diagnosed during childhood received greater specialized support from the school. However, the support network was a

Desafios na trajetória escolar de jovens e adultos autistas do ensino superior

Giovanna Santos da Silva

Erica Daiane Ferreira Camargo

Rosana Carla do Nascimento Givigi

fundamental means of support during the school trajectory of all participants. It was possible to conclude that it is important to debate everyone's responsibility for inclusive education, considering that the late diagnosis of autistic young people and adults has a significant impact on the support provided during their school trajectory.

Keywords: Autism. Socio-communicative difficulties. Learning difficulties. Inclusive education. School trajectory.

1 Introdução

A escola desempenha um papel formativo e pedagógico fundamental durante a trajetória do indivíduo, o que reafirma o acesso à educação como um direito de todos (Melo; Silva, 2020). A ideia de uma educação inclusiva perpassa toda a sociedade, como atores ativos no processo de inclusão dessas pessoas, independentemente de sua condição. No Brasil, sabe-se que a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPEI) é o instrumento que assegura a inclusão de pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento¹ e altas habilidades nas instituições de ensino (Brasil, 2008). Entretanto, o processo de escolarização dessas pessoas tem diversos desafios, dentre elas, pessoas autistas.

O Autismo, de acordo com a terminologia oficial determinada pela Associação Americana de Psiquiatria (APA), é denominado hoje como Transtorno do Espectro Autista (TEA) (American Psychiatric Association, 2014). É definido como um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por dificuldades sociocomunicativas e padrões restritivos e repetitivos de comportamento, agrupados em diferentes níveis de suporte (American Psychiatric Association, 2014). No ano de 2012, foi promulgada no Brasil a Lei 12.764, instituída como a Política Nacional de Proteção aos Direitos da Pessoa com Transtorno do

¹ O termo “Transtornos Globais do Desenvolvimento” era a terminologia oficial determinada pela 4ª Edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, o DSM-4, no ano de 2008. No ano de 2013, houve uma atualização para a 5ª edição do manual, o qual o termo foi atualizado para “Transtorno do Espectro Autista”.

Desafios na trajetória escolar de jovens e adultos autistas do ensino superior

Giovanna Santos da Silva

Erica Daiane Ferreira Camargo

Rosana Carla do Nascimento Givigi

Espectro Autista no Brasil (Brasil, 2012). Esse instrumento reforça o direito dessas pessoas à educação, sua inclusão nas classes comuns do ensino regular e ao Atendimento Educacional Especializado (AEE).

Apesar dessas garantias, estudos nacionais indicam que a trajetória escolar de pessoas autistas na Educação Básica é repleta de dificuldades enfrentadas. É possível citar a marginalização na sala de aula durante os processos de aprendizagem, como também nos processos interacionais com os pares, dificuldade na estruturação do trabalho a ser desenvolvido com o aluno, falta de adaptação dos conteúdos e atividades, dentre outros (Melo; Silva, 2020; Camargo; Givigi; Silva, 2023). Porém, mesmo com esses desafios, pessoas autistas passam pela Educação Básica e conseguem chegar à Educação Superior.

Sabe-se que, desde 2016, a Lei 13.409 garante a reserva de vagas para pessoas com deficiência nessas instituições (Brasil, 2016). Como a Lei 12.764/2012 (Brasil, 2012) garante, para efeito de lei, a condição de deficiência para pessoas autistas, isso contribuiu para uma crescente na matrícula de pessoas autistas nas instituições de ensino superior. O Censo da Educação Superior de 2022 (Brasil, 2023) mostra que 6.063 pessoas com o ainda denominado como Transtorno Global do Desenvolvimento, ou seja, dentre elas as pessoas autistas, estão matriculadas em instituições de ensino superior no Brasil.

Como instrumento de garantia de inclusão nesse nível de ensino, o Programa Incluir - Acessibilidade na Educação Superior (Brasil, 2013) foi criado pelo Ministério da Educação em 2005. O programa visa o fomento de ações nesse campo, especialmente com a criação e consolidação de núcleos de acessibilidade para o público da Educação Especial, que variam de acordo com cada instituição. Assim, individualmente, cada instituição de Ensino Superior tem autonomia na implementação dos seus setores voltados às pessoas com os diversos tipos de deficiência.

É crescente o número de debates e pesquisas que envolvem jovens e adultos autistas, como também é crescente novas perspectivas e movimentos inclusive quanto à própria questão do autismo. Cabe destacar o movimento da neurodiversidade, que tem ganhado cada vez mais

Desafios na trajetória escolar de jovens e adultos autistas do ensino superior

Giovanna Santos da Silva

Erica Daiane Ferreira Camargo

Rosana Carla do Nascimento Givigi

força por essas pessoas. Wuo e Brito (2023, p. 9) destacam que “o termo neurodiversidade foi cunhado como um termo genérico, originalmente para definir o autismo em relação às suas várias condições neurológicas tradicionalmente patologizadas e associadas a um déficit”.

Logo, a neurodiversidade enfatiza uma abordagem social, indo de encontro ao modelo biomédico de classificação do autismo, com um afastamento da visão capacitista. Isso justifica inclusive o uso do termo pessoa autista² ao longo deste artigo, o qual foi empregado em virtude do processo com os participantes desta pesquisa. A maioria dos participantes se autodenominavam como autistas, alguns sendo até ativistas do movimento da neurodiversidade. Por isso, optou-se por manter o uso do termo.

A literatura tem descrito características comuns ao grupo de jovens e adultos autistas. Dentre elas, é possível citar: sobrecarga sensorial, estresse, depressão e ansiedade, fobia social, dificuldades de relação com os pares, isolamento, dificuldades com as mudanças repentinas, dificuldades em compreender a variação das regras, dificuldade de se organizar (Sarment et al., 2022).

Tendo em vista todo o contexto das pessoas autistas em relação à trajetória escolar, cabe o questionamento: quais são os principais desafios vivenciados no processo de escolarização de adultos autistas que chegam ao ensino superior? Portanto, o objetivo deste estudo foi analisar a trajetória escolar de jovens e adultos autistas matriculados em uma instituição de ensino superior. Pretende-se uma melhor compreensão acerca da temática e elaboração de novas perspectivas de suporte para essas pessoas no contexto acadêmico.

2 Metodologia

² O movimento da neurodiversidade vê o emprego do termo “pessoa com autismo” como o autismo sendo um atributo a ser separado da pessoa, como um déficit. Por outro lado, o termo “pessoa autista” enxerga a pessoa em sua totalidade, ou seja, o autismo se constitui como uma característica identitária, e não como um atributo negativo ou exteriorizado (Wuo; Brito, 2023).

Desafios na trajetória escolar de jovens e adultos autistas do ensino superior

Giovanna Santos da Silva

Erica Daiane Ferreira Camargo

Rosana Carla do Nascimento Givigi

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, já que visa investigar fenômenos sociais e as respectivas relações envolvidas nesses fenômenos (Flick, 2009). No caso desta pesquisa, optou-se por caracterizá-la como descritiva, já que “[...] observa, registra, analisa e ordena dados, sem manipulá-los, isto é, sem interferência do pesquisador. Procura descobrir a frequência com que um fato ocorre, sua natureza, suas características, causas, relações com outros fatos” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 52).

Além disso, o presente estudo faz parte de um projeto de pesquisa do Grupo de Estudos e Pesquisa em Linguagem e Comunicação Alternativa (GEPELC) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). O projeto desenvolvido tem como público-alvo os jovens e adultos autistas matriculados na UFS, e é objeto de pesquisa de uma dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma instituição. A sua realização contou com o incentivo do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

2.1 Formato da pesquisa

A pesquisa foi realizada a partir da coleta de dados por meio de um “Questionário de Trajetória Escolar”, por nós construído. Primeiramente, foi realizada uma conversa por meio de uma entrevista individual com cada participante. Essa entrevista não era estruturada, portanto, não havia pontos fixos, cada participante era convidado a falar sobre si, e expressavam livremente o que queriam sobre sua história. Somente após esse momento o questionário era aplicado, a fim de conhecer detalhadamente a trajetória escolar do participante, desde a educação básica até o ensino superior. A pesquisadora responsável pela aplicação do questionário fazia a leitura de cada questão, e a resposta do participante era registrada no próprio questionário. Logo, as entrevistas por si só não foram alvo da análise deste estudo, apenas os questionários.

O questionário era composto por 40 (quarenta) questões, divididas em três seções que correspondiam aos três níveis de ensino: Seção A – Ensino Fundamental, Seção B – Ensino

Desafios na trajetória escolar de jovens e adultos autistas do ensino superior*Giovanna Santos da Silva**Erica Daiane Ferreira Camargo**Rosana Carla do Nascimento Givigi*

Médio, e Seção C – Ensino Superior. A Seção A consistia em 15 questões, a Seção B também 15 questões, e a Seção C 10 questões. O quadro a seguir ilustra os dados sobre o questionário, suas seções, bem como a divisão das questões e os seus respectivos conteúdos:

Quadro 1: Dados do Questionário de Trajetória Escolar

SEÇÃO	QUESTÕES	RESPECTIVOS CONTEÚDOS
A	TOTAL 15 (09 dicotômicas, 05 de múltipla escolha e 01 de resposta única)	02 sobre a escola em que estudou; 06 sobre as dificuldades vivenciadas durante a etapa escolar; 01 sobre o suporte recebido na escola; 02 sobre a rede de apoio na escola; 01 sobre episódios de <i>bullying</i> ; e 03 sobre a ocorrência de mudanças de escola.
B	TOTAL 15 (09 dicotômicas, 05 de múltipla escolha e 01 de resposta única)	02 sobre a escola em que estudou; 06 sobre as dificuldades vivenciadas durante a etapa escolar; 01 sobre o suporte recebido na escola; 02 sobre a rede de apoio na escola; 01 sobre episódios de <i>bullying</i> ; e 03 sobre a ocorrência de mudanças de escola.
C	TOTAL 10 (06 dicotômicas, 02 de múltipla escolha e 02 de resposta aberta)	01 sobre autodeclaração dentro do espectro para a universidade; 04 sobre as dificuldades vivenciadas no ensino superior; 02 sobre o recebimento de suporte da universidade; 01 sobre o sentimento de acolhimento na universidade; 01 sobre episódios de <i>bullying</i> ; e 01 sobre rede de apoio.

Fonte: Elaboração própria

O acesso aos participantes ocorreu a partir da divulgação da pesquisa na própria universidade. Os meios utilizados foram cartazes nos principais pontos da instituição, posts digitais nas redes sociais, e através do contato com a Divisão de Ações Inclusivas (DAIN), setor responsável pelas questões de acessibilidade e inclusão da universidade. Os participantes interessados entraram em contato com o GEPELC e, em seguida, foram agendadas as entrevistas individuais, que ocorreram na própria universidade.

2.2 Participantes da pesquisa

Os participantes desta pesquisa foram 9 (nove) alunos regularmente matriculados em cursos de graduação e pós-graduação da Universidade Federal de Sergipe. Os critérios para a

Desafios na trajetória escolar de jovens e adultos autistas do ensino superior*Giovanna Santos da Silva**Erica Daiane Ferreira Camargo**Rosana Carla do Nascimento Givigi*

seleção dos participantes foram: ser uma pessoa com autismo; ser aluno/aluna regular da universidade, matriculado em algum curso da graduação ou da pós-graduação; ter vontade de participar. O diagnóstico de autismo foi por meio de autodeclaração. Seguindo os preceitos éticos da pesquisa, todos os participantes foram incluídos na pesquisa mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

No quadro abaixo estão dispostas informações sobre cada participante:

Quadro 2: Dados dos participantes da pesquisa

PARTICIPANTE	IDADE	CURSO	CARACTERÍSTICAS
01	25	Graduação	Ingressou na UFS no ano de 2021. Teve o diagnóstico de autismo durante a fase adulta. Também tem diagnóstico de TDAH.
02	25	Graduação	Ingressou na UFS no ano de 2016. Teve o diagnóstico de autismo durante a fase adulta. Também tem diagnóstico de TDAH.
03	33	Pós-Graduação	Ingressou na UFS no ano de 2009. Teve o diagnóstico de autismo durante a fase adulta. Também tem diagnóstico de TDAH.
04	24	Pós-Graduação	Ingressou na UFS no ano de 2015. Teve o diagnóstico de autismo durante a infância.
05	21	Graduação	Ingressou na UFS no ano de 2020. Teve o diagnóstico de autismo durante a fase adulta. Também tem diagnóstico de TDAH.
06	21	Graduação	Ingressou na UFS no ano de 2022. Teve o diagnóstico de autismo durante a infância.
07	22	Graduação	Ingressou na UFS no ano de 2022. Teve o diagnóstico de autismo durante a infância.
08	22	Graduação	Ingressou na UFS no ano de 2019. Teve o diagnóstico de autismo durante a fase adulta. Também tem diagnóstico de TDAH.
09	18	Graduação	Ingressou na UFS no ano de 2023. Teve o diagnóstico de autismo durante a infância.

Fonte: Elaboração própria

2.3 Análise dos dados

Desafios na trajetória escolar de jovens e adultos autistas do ensino superior

Giovanna Santos da Silva

Erica Daiane Ferreira Camargo

Rosana Carla do Nascimento Givigi

A análise descritiva dos dados foi realizada de modo qualitativo e quantitativo. Esse processo seguiu também com a discussão dos dados a partir de achados em outros estudos nacionais e internacionais. Para facilitar o agrupamento das respostas do questionário sobre a trajetória escolar dos participantes da pesquisa, foram definidos como categorias de análise os três níveis de ensino escolar presentes no questionário: Ensino Fundamental; Ensino Médio; Ensino Superior.

Para tanto, para cada categoria, foram delimitadas também variáveis de análise. No Ensino Fundamental e no Ensino Médio foram definidos como variáveis: tipo de escola em que estudou; dificuldades de aprendizagem; dificuldades de interação e comunicação; tipo de suporte recebido; episódios de *bullying*; e rede de apoio. Já no Ensino Superior, as variáveis de análise definidas foram: autodeclaração dentro do espectro para a universidade; tipos de dificuldades vivenciadas atualmente no ensino superior; recebimento de suporte na universidade, tipo de suporte recebido; sentimento de acolhimento na universidade; episódios de *bullying*; e rede de apoio.

3 Resultados

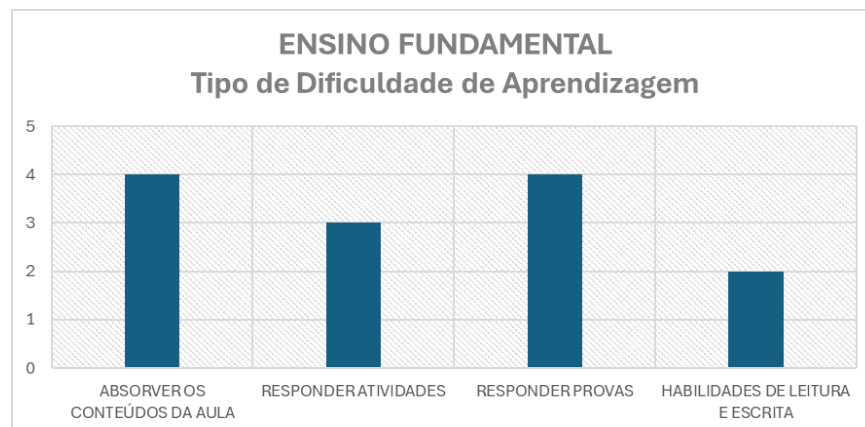
3.1 Ensino Fundamental

8

Sobre a rede de ensino, dos 9 participantes, 6 (66,7%) estudaram essa etapa em escola pública e 3 (33,3%) em escola particular. Além disso, 8 (88,9%) declararam dificuldades durante essa etapa escolar, e apenas 1 (11,1%) declarou não ter. No âmbito das dificuldades de aprendizagem, 5 (55,5%) dos participantes responderam que apresentavam esse tipo de dificuldade, e 4 (44,5%) não. Já nas dificuldades de interação e/ou comunicação, 8 (88,9%) participantes declararam esse tipo de dificuldade, e apenas 1 (11,1%) declarou não ter.

Desafios na trajetória escolar de jovens e adultos autistas do ensino superior*Giovanna Santos da Silva**Erica Daiane Ferreira Camargo**Rosana Carla do Nascimento Givigi*

Quanto ao tipo de dificuldades de aprendizagem (Gráfico 1), as principais foram: absorver os conteúdos da aula (31%), responder provas (31%), responder atividades (23%) e habilidades de leitura e escrita (15%). Já os tipos de dificuldades de interação e/ou comunicação (Gráfico 2): participar de atividades em grupo (25%), fazer amizades (25%), tirar dúvidas com os professores ou com a equipe escolar (22%), participar de eventos da escola (18%), participar das aulas (7%), outros tipos de dificuldade (3%).

Gráfico 1: Ensino Fundamental – tipos de dificuldade de aprendizagem

Fonte: Elaboração própria

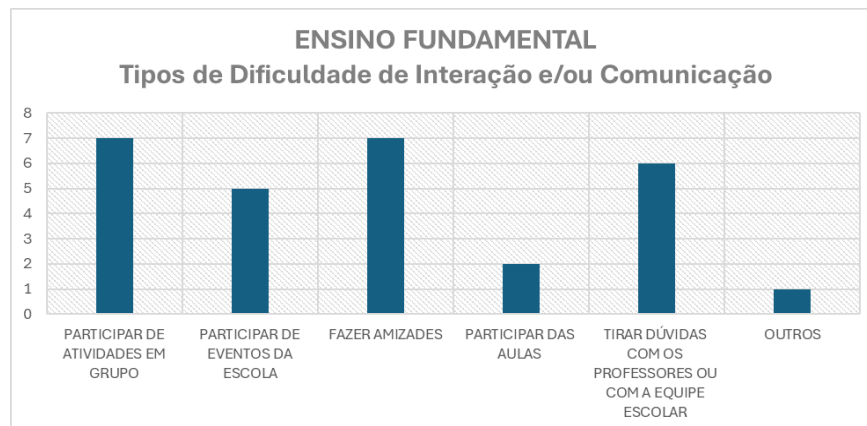
Gráfico 2: Ensino Fundamental – tipos de dificuldade de interação e/ou comunicação

Desafios na trajetória escolar de jovens e adultos autistas do ensino superior

Giovanna Santos da Silva

Erica Daiane Ferreira Camargo

Rosana Carla do Nascimento Givigi



Fonte: Elaboração própria

Ademais, 8 participantes (88,9%) declararam ter sofrido algum episódio de *bullying* durante essa etapa escolar. Já sobre o recebimento de suporte da escola em relação às dificuldades, apenas 3 participantes (33,3%) declararam ter recebido algum tipo de suporte. Dos quais podemos citar: acompanhamento pedagógico ou psicopedagógico (34%), acompanhamento psicológico escolar (34%), adaptação de atividades/provas (16%), outros (16%).

Quanto às mudanças de escola, apenas 2 participantes (22,3%) declararam terem mudado de escola em virtude das dificuldades enfrentadas. Por fim, sobre a rede de apoio, 5 participantes (55,5%) declararam não ter recebido nenhum tipo de apoio. Dos 4 (44,5%) que declararam ter recebido apoio, 66,7% era apoio de professores e 33,3% era apoio de colegas.

3.2 Ensino Médio

Sobre a rede de ensino, os dados se mantiveram os mesmos: dos 9 participantes, 6 (66,7%) estudaram essa etapa em escola pública e 3 (33,3%) em escola particular. Em relação às dificuldades, todos declararam ter tido dificuldades durante essa etapa escolar, especialmente de interação e/ou comunicação, a qual foi um tipo de dificuldade unânime, com 100% de

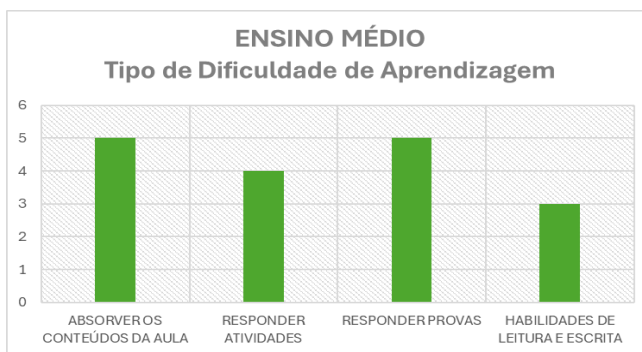
Desafios na trajetória escolar de jovens e adultos autistas do ensino superior

*Giovanna Santos da Silva
Erica Daiane Ferreira Camargo
Rosana Carla do Nascimento Givigi*

resposta. Já nas dificuldades de aprendizagem, 5 participantes (55,5%) declararam esse tipo de dificuldade, e 4 (44,5%) declararam não ter.

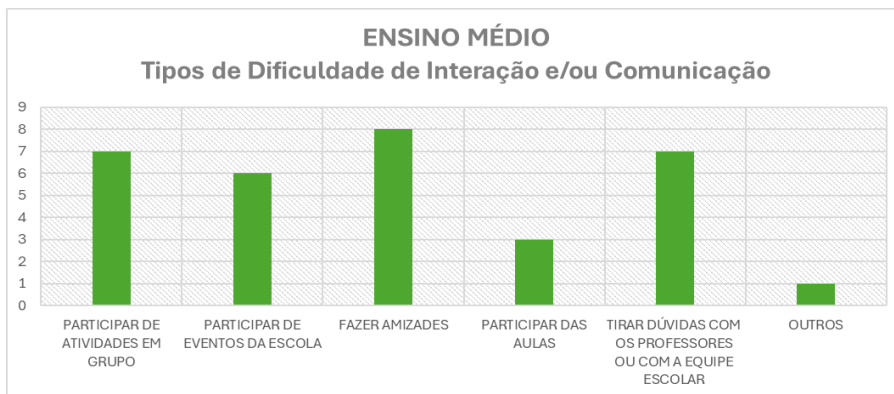
Quanto ao tipo de dificuldades de aprendizagem (Gráfico 3), as principais foram: absorver os conteúdos da aula (29,4%), responder provas (29,4%), responder atividades (23,5%) e habilidades de leitura e escrita (17,7%). Já os tipos de dificuldades de interação e/ou comunicação (Gráfico 4): fazer amizades (25%), participar de atividades em grupo (21,8%), tirar dúvidas com os professores ou com a equipe escolar (21,8%), participar de eventos da escola (18,7%), participar das aulas (9,4%), outros tipos de dificuldade (3,3%).

Gráfico 3: Ensino Médio – tipos de dificuldade de aprendizagem



Fonte: Elaboração própria

Gráfico 4: Ensino Médio – tipos de dificuldade de interação e/ou comunicação



Fonte: Elaboração própria

Desafios na trajetória escolar de jovens e adultos autistas do ensino superior

Giovanna Santos da Silva

Erica Daiane Ferreira Camargo

Rosana Carla do Nascimento Givigi

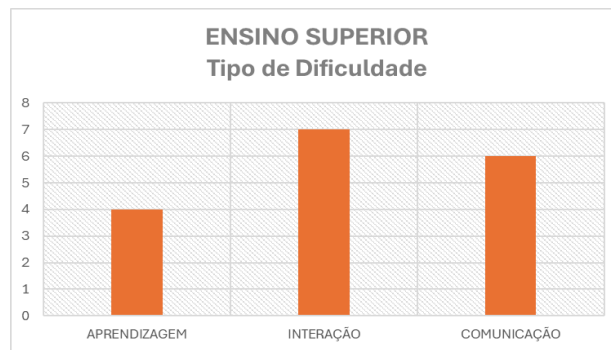
Quanto à ocorrência de *bullying*, apenas 3 participantes (33,3%) declararam ter sofrido algum episódio de *bullying* durante essa etapa escolar. Já sobre o recebimento de suporte da escola em relação às dificuldades, novamente apenas 3 participantes (33,3%) declararam ter recebido algum tipo de suporte. Os citados foram: acompanhamento pedagógico ou psicopedagógico (33,6%), acompanhamento psicológico escolar (16,6%), adaptação de atividades/provas (16,6%), atendimento educacional especializado (16,6%) outros (16,6%).

Quanto às mudanças de escola, apenas 1 participante (11,1%) declarou ter mudado de escola em virtude das dificuldades enfrentadas. Por fim, sobre a rede de apoio, apenas 2 participantes (22,3%) declararam não ter recebido nenhum tipo de apoio. Dos 7 (77,7%) que declararam ter recebido apoio, 50% era apoio de professores e 50% era apoio de colegas.

3.2 Ensino Superior

Quanto a essa etapa da trajetória escolar, 6 participantes (66,7%) se autodeclararam dentro do espectro para a instituição, enquanto 3 participantes (33,3%) não declararam. Todos os participantes relataram ter algum tipo de dificuldade nessa etapa. Dentre os tipos de dificuldade (Gráfico 5), a maior parte correspondia à interação (41,2%), seguido da comunicação (35,3%) e aprendizagem (23,5%).

Gráfico 5: Ensino Superior – tipo de dificuldade

Desafios na trajetória escolar de jovens e adultos autistas do ensino superior*Giovanna Santos da Silva**Erica Daiane Ferreira Camargo**Rosana Carla do Nascimento Givigi*

Fonte: Elaboração própria

Além disso, apenas 2 participantes (22,3%) declararam ter sofrido algum episódio de *bullying* durante o ensino superior. Em contrapartida, a grande maioria (88,9%) declararam se sentir mais acolhidos na universidade, se comparado ao ensino fundamental e ao ensino médio. Esse mesmo índice, 88,9% dos participantes, se mantém quanto aos que declararam ter uma rede de apoio na universidade. Dentre o apoio recebido estão: amigos/as (33,4%), grupo de pesquisa (22,2%), orientador/a (22,2%), família (11,1%) e a Divisão de Ações Inclusivas da instituição (11,1%). De todos os participantes, apenas 2 (22,2%) declararam receber algum tipo de apoio institucional. Dos tipos de apoio recebido foram citados: adaptação de atividades/prova, acompanhamento pedagógico³ e acompanhamento psicológico.

4 Discussão

Ao analisar os aspectos referentes ao ensino fundamental, nota-se que grande parte teve algum tipo de dificuldade durante essa etapa, correspondendo a 88,7% dos participantes. As dificuldades circulam tanto na aprendizagem quanto na interação e/ou comunicação. Ambos os

³ A Universidade Federal de Sergipe fornece um tipo de acompanhamento denominado de Apoio Pedagógico, o qual consiste em uma atividade sistemática realizada por alunos da instituição, atuantes como bolsistas de apoio pedagógico, que oferecem apoio didático-pedagógico a colegas que necessitem de apoio em uma disciplina a qual esse bolsista já tenha cursado e tido um bom rendimento.

Desafios na trajetória escolar de jovens e adultos autistas do ensino superior*Giovanna Santos da Silva**Erica Daiane Ferreira Camargo**Rosana Carla do Nascimento Givigi*

aspectos refletem a diversidade nos modos de aprender, de ser e estar no mundo. Entretanto, a normatividade empregada veementemente na sociedade dificulta as maneiras de situar essas diferenças. No caso da escola, os critérios normativos são aplicados desde os aspectos organizacionais até a transmissão dos conhecimentos, criando ideais e exigências que grande parte dos alunos não consegue alcançar (Laplane, 2018).

Logo, na aprendizagem, os tipos de dificuldade correspondem especialmente ao acesso ao conteúdo escolar e às provas e atividades, o que reforça a importância do cuidado pedagógico nas escolas, especialmente dos professores, atores diretos nessa questão. Ajustes no currículo escolar e nos métodos de ensino utilizados em sala de aula são fundamentais para que haja uma igualdade desse acesso e, conseqüentemente, uma inclusão desse aluno nesse processo de aprendizagem. É necessário respeitar a diferença e dar meios para que o aluno autista participe dos processos pedagógicos (Ferreira; França, 2017).

No entanto, é possível observar que há uma maior prevalência de dificuldades interacionais e/ou comunicativas do que dificuldades de aprendizagem. Muitas vezes, o papel da escola se resume apenas à transmissão de conhecimentos, e o fator social não ganha visibilidade. Porém, a escola representa um espaço de processos de significação importantes, que ocorre durante as interações sociais (Martins; Monteiro, 2017). Assim, os momentos de interação com os pares, com professores e com o entorno da escola são importantes para o desenvolvimento.

14

Todavia, sabe-se que esse fato é um desafio para pessoas autistas. Logo, participar de atividades em grupo, tirar dúvidas com os professores ou a equipe escolar, e até mesmo fazer amizades, como foi declarado pelos participantes da pesquisa, tornam-se grandes dificuldades no dia a dia da escola. Isso pode ser justificado a partir das características do próprio espectro, já que as dificuldades de ordem sociocomunicativa comumente são vistas na pessoa autista, fazendo parte inclusive dos critérios diagnósticos (American Psychiatric Association, 2014).

Quanto ao suporte recebido da escola, observou-se que poucos participantes receberam algum tipo de suporte, seja o acompanhamento pedagógico ou psicopedagógico, o

Desafios na trajetória escolar de jovens e adultos autistas do ensino superior*Giovanna Santos da Silva**Erica Daiane Ferreira Camargo**Rosana Carla do Nascimento Givigi*

acompanhamento escolar ou a adaptação de conteúdo ou atividades. Um fato interessante é que os únicos respondentes dessa questão são participantes que estavam na rede pública de ensino e tiveram o diagnóstico de autismo ainda na infância. Ou seja, na fase do ensino fundamental, receberam esse tipo de suporte na rede pública e com o amparo do laudo diagnóstico.

Esse dado reflete uma problemática importante a ser debatida. Primeiramente, o diagnóstico tardio impacta significativamente no decorrer da vida da pessoa autista, já que é com o diagnóstico que se ampliam as possibilidades de compreensão, bem como do acompanhamento para minimizar as dificuldades postas a essas pessoas (Nalin et al., 2022). No caso da trajetória escolar, os dados desta pesquisa problematizam que o suporte foi fornecido apenas para quem já tinha o diagnóstico durante a etapa escolar, tanto na etapa do ensino fundamental quanto no ensino médio. Nesta perspectiva, as pessoas que tiveram seu diagnóstico apenas na fase adulta foram prejudicadas.

Isso posto, a partir desse momento será feita uma discussão paralela com os resultados da trajetória escolar vivida durante a etapa do ensino médio. Observou-se que houve uma prevalência praticamente igual às questões relatadas acima quanto ao ensino fundamental. A diferença se manteve especialmente na dificuldade de interação e/ou comunicação, onde absolutamente todos os participantes relataram ter. No ensino médio, a fase de transição da infância para a adulta causa mudanças e tensionamentos. Nesse caso, as dificuldades sociocomunicativas entre os pares e com outras pessoas são muito mais complexas, e a maior consciência sobre si mesmo provoca muitas vezes sintomas relacionados à ansiedade e depressão (Serbai; Priotto, 2021).

Quanto aos episódios de *bullying*, foi possível observar uma prevalência significativamente menor no ensino médio se comparado ao ensino fundamental. As dificuldades sociocomunicativas, bem como os padrões de comportamento restritos ou repetitivos, são consideradas fatores de risco de *bullying* para pessoas autistas no ambiente escolar (Oliveira; Schmidt, 2023). Cabe salientar que “o pensamento sobre inclusão vai muito além de salas de recursos multifuncionais, quadras, rampas, laboratórios e auditórios, pois

Desafios na trajetória escolar de jovens e adultos autistas do ensino superior*Giovanna Santos da Silva**Erica Daiane Ferreira Camargo**Rosana Carla do Nascimento Givigi*

também atravessa a quebra de barreiras atitudinais e a fragilização dos preconceitos [...]” (Pacheco; Gonçalves, 2022, p. 42).

Associado aos dados sobre *bullying*, observamos um aumento significativo da rede de apoio no ensino médio. Com base nisso, é possível supor uma relação entre esses dados. No estudo de Melo e Silva (2020), pessoas autistas mencionaram a importância da rede de apoio durante a trajetória escolar. Relatos que descrevem benefícios de como as amigas, por exemplo, podem fomentar o sentimento de solidariedade entre os pares e, por conseguinte, auxiliar na manutenção dos estudos e das situações que envolvem as habilidades sociais. No caso dos participantes, pode-se supor que esse aumento da prevalência da rede de apoio no ensino médio pode ter contribuído diretamente para um maior entendimento das dificuldades, e assim minimizado os episódios de *bullying*.

Aqui, é possível também já fazer um paralelo com os resultados obtidos nas questões referentes ao ensino superior. Observou-se, primeiramente, que a maior parte dos participantes se autodeclararam dentro do espectro para a instituição. Entretanto, houve pessoas que optaram por não fazer essa autodeclaração. No ensino superior, as dificuldades vivenciadas pelos participantes desta pesquisa foram novamente em sua maior parte quanto aos aspectos sociocomunicativos, seguido dos de aprendizagem. Simultaneamente, foi pouco relatado estratégias de suporte oferecidos pela universidade, tanto para as questões pedagógicas quanto sociais.

No contexto brasileiro, estudos refletem diversos desafios no processo de inclusão das pessoas autistas no ambiente universitário (Oliveira; Abreu, 2019; Aguilar; Rauli, 2020). Pelas questões enfrentadas, especialmente pela força dos estigmas, muitas optam por não se identificarem como autistas (Santos et al., 2020). Essas questões trazem à tona a importância de se estabelecer meios de acolhimento e suporte na universidade para essas pessoas, as quais já carregam uma trajetória escolar e de vida cheia de percalços.

Um dado importante a ser discutido é que a grande maioria declarou sentir-se mais acolhido na universidade, índice que se mantém em relação à rede de apoio. Sobre esse último

Desafios na trajetória escolar de jovens e adultos autistas do ensino superior

Giovanna Santos da Silva

Erica Daiane Ferreira Camargo

Rosana Carla do Nascimento Givigi

aspecto, cabe destacar a presença dos grupos de pesquisa e orientadores como protagonistas no apoio a essas pessoas, além dos amigos/as. Portanto, isso reforça o que já foi citado a partir do estudo de Melo e Silva (2020), de como a rede de apoio é fundamental para as pessoas autistas se manterem nos espaços institucionais de educação.

5 Considerações finais

É possível concluir que a trajetória escolar de pessoas autistas que chegam ao ensino superior é marcada por muitos desafios. Desde o ensino fundamental, os principais ocorrem mediante as questões que envolvem o aspecto social, em virtude da constante dificuldade dessas pessoas no âmbito interacional e comunicativo. Entretanto, dificuldades no processo de aprendizagem também são recorrentes.

Uma grande questão é o impacto do diagnóstico tardio na trajetória escolar das pessoas autistas. Não ter o diagnóstico de autismo durante a infância resulta especialmente na ausência de suporte fornecido pela escola, que são garantidos nas políticas de Educação Especial. Isto posto, esse fato coaduna em uma discussão ainda maior: a luta por uma educação inclusiva deveria ser uma responsabilidade de todos, e não apenas da Educação Especial.

Logo, faz-se necessário repensar os modos de construção de uma educação inclusiva que atenda a diversidade de todas as pessoas que passam por essa trajetória escolar, independentemente de possuir ou não um diagnóstico. A garantia de acesso ao currículo escolar, bem como das vivências interacionais que o ambiente proporciona, são fundamentais no acesso pleno à educação.

Ademais, nota-se que a rede de apoio é fundamental na trajetória escolar das pessoas autistas. Conviver com tantas dificuldades é uma tarefa complexa que, quando dividida com outros, pode tornar o caminho menos árduo. Por fim, destaca-se a necessidade de estudos acerca da temática, que auxiliem no desenvolvimento de estratégias que garantam um maior suporte às pessoas autistas em todas as etapas da trajetória escolar.

Desafios na trajetória escolar de jovens e adultos autistas do ensino superior

Giovanna Santos da Silva

Erica Daiane Ferreira Camargo

Rosana Carla do Nascimento Givigi

Referências

AGUILAR, Claudia Paola Carrasco; RAULI, Patricia Forte. Desafios da inclusão: a invisibilidade das pessoas com Transtorno do Espectro Autista no ensino superior. **Revista Educação Especial**, v. 33, p. 1-26, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/44082>. Acesso em: 16 fev. 2024.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, 2008. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2024.

BRASIL. **Política Nacional de Proteção aos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista no Brasil**. Casa Civil, Brasília, 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm. Acesso em: 16 fev. 2024.

BRASIL. **Lei nº 13.409, de 28 de dezembro de 2016**. Altera a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, para dispor sobre a reserva de vagas para pessoas com deficiência nos cursos técnico de nível médio e superior das instituições federais de ensino. Casa Civil, Brasília, 2016. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/113409.htm. Acesso em: 16 fev. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Documento orientador Programa Incluir - Acessibilidade na Educação Superior**. Brasília, 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=12737-documento-orientador-programa-incluir-pdf&category_slug=marco-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 16 fev. 2024.

BRASIL. INEP. **Resumo Técnico: Censo da Educação Superior 2022**. Brasília, 2023. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2022/apresentacao_censo_da_educacao_superior_2022.pdf. Acesso em: 16 fev. 2024.

Desafios na trajetória escolar de jovens e adultos autistas do ensino superior*Giovanna Santos da Silva**Erica Daiane Ferreira Camargo**Rosana Carla do Nascimento Givigi*

CAMARGO, Erica Daiane Ferreira; GIVIGI, Rosana Carla do Nascimento; SILVA, Giovanna Santos da. A reverberação das dificuldades interacionais do aluno com autismo no contexto escolar. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 16, n. 35, p. 1-14, 2023.

Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revtee/article/view/19433>. Acesso em: 16 fev. 2024.

FERREIRA, Mônica Misleide Matias; FRANÇA, Aurenia Pereira de. O autismo e as dificuldades no processo de aprendizagem escolar. **ID on line. Revista de psicologia**, v. 11, n. 38, p. 507-519, 2017. Disponível em:

<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/916/1291>. Acesso em: 16 fev. 2024.

FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

LAPLANE, Adriana Lia Friszman de. Confrontando a norma: modos de participação de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo na escola. **Horizontes**, v. 36, n. 3, p. 111-120, 2018. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/709>.

Acesso em: 16 fev. 2024

MARTINS, Alessandra Dilair Formagio; MONTEIRO, Maria Inês Bacellar. Alunos autistas: análise das possibilidades de interação social no contexto pedagógico. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 21, p. 215-224, 2017.

MELO, Douglas Christian Ferrari de; SILVA, João Henrique da. Trajetórias escolares de pessoas com deficiências na educação básica: qual lugar da educação especial?. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, p. 948-965, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/13510>. Acesso em: 16 fev. 2024.

NALIN, Luísa Macedo et al. Impactos do diagnóstico tardio do transtorno do espectro autista em adultos. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 16, p. 1-9, 2022. Disponível em:

<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/38175>. Acesso em: 16 fev. 2024.

OLIVEIRA, Ana Flávia Teodoro de Mendonça; ABREU, Tiago Florencio de. A percepção do aluno com transtorno do espectro autista sobre o processo de inclusão na Universidade Federal de Goiás (UFG). **Revista Diálogos e Perspectivas em educação especial**, v. 6, n. 2, p. 59-76, 2019.

Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/dialogoseperspectivas/article/view/8897>. Acesso em: 16 fev. 2024.

OLIVEIRA, Ana Flávia Teodoro de Mendonça; SCHMIDT, Carlo. Bullying e Transtorno do Espectro Autista (TEA): o que nos revelam as autobiografias?. **Educação e Pesquisa**, v. 49, p. 1-25, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/213806>. Acesso em: 16 fev. 2024.

Desafios na trajetória escolar de jovens e adultos autistas do ensino superior

Giovanna Santos da Silva

Erica Daiane Ferreira Camargo

Rosana Carla do Nascimento Givigi

PACHECO, Amanda Ortolan; GONÇALVES, Nahun Thiaghor Lippaus Pires. Autismo e Inclusão em perspectiva: Vivências do Estágio na Educação Especial. **Pró-Discente**, v. 28, n. 1, p. 33-44, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/prodiscente/article/view/39854>. Acesso em: 14 fev. 2024.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2ª Edição**. Novo Amburgo: Editora Feevale, 2013.

SANTOS, Wellington Farias et al. A Inclusão da Pessoa com Autismo no Ensino Superior. **Revista Entreideias: educação, cultura e sociedade**, v. 9, n. 3, p. 51-66, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/33786>. Acesso em: 17 fev. 2024.

SARMET, Yvanna Aires Gadelha; FARIA, Júlia Valle de; SILVA, Guilherme Queiroz da; OLIVEIRA, Nina Puglia. Criação de um núcleo de atendimento à comunidade autista e neurodiversa na Universidade de Brasília: relato de experiência. **Participação**, v. 21, n. 37, p. 100-113, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/participacao/article/view/45052>. Acesso em: 16 fev. 2024.

SERBAI, Fabiana; PRIOTTO, Elis Maria Teixeira Palma. Autismo na Adolescência: Uma Revisão Integrativa da Literatura. **Educação em Revista**, v. 37, p. 1-17, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/edrevista/article/view/26472>. Acesso em: 16 fev. 2024.

WUO, Andrea Soares; BRITO, Andre Luiz Corrêa de. Autismo e o paradigma da neurodiversidade na pesquisa educacional. **Linhas Críticas**, v. 29, p. 1-18, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/45911>. Acesso em: 16 fev. 2024.